

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LETRAS, política & sociedade



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 11

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

CAPÍTULO 2..... 16

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

CAPÍTULO 3..... 27

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperla Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

CAPÍTULO 4..... 33

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperla Batista

Valéria Caraça Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

CAPÍTULO 5..... 39

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

CAPÍTULO 6..... 52

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz

Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

CAPÍTULO 7..... 62

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzebio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

CAPÍTULO 8	75
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038	
CAPÍTULO 9	87
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039	
CAPÍTULO 10	94
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310	
CAPÍTULO 11	105
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311	
CAPÍTULO 12	122
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312	
CAPÍTULO 13	140
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313	
SOBRE A ORGANIZADORA	154
ÍNDICE REMISSIVO	155

CAPÍTULO 3

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Data de aceite: 01/03/2022

Juliana de Lima Laperla Batista

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Guarulhos
<http://lattes.cnpq.br/1630089423275938>

RESUMO: A carta de Pero Vaz de Caminha foi escrita no período das Grandes Navegações, em que pessoas se arriscavam e buscavam novas terras, enfrentavam monstros, escorbuto e principalmente a saudade de seus lares. Nesta época Portugal não conseguia manter o comércio com as Índias, por isso buscou novos horizontes. Os espanhóis chegaram até à América Central e nosso querido Brasil foi “descoberto” pelos amigos lusitanos, mas como qualquer novo fato, não poderia passar em branco por isso era muito importante relatar tudo isso em “diários de bordo”, ou até mesmo escrever cartas homéricas.

PALAVRAS-CHAVE: Historia, Brasil.

RESUMEN: La carta de Pero Vaz de Caminha fue escrita en la época de las Grandes Navegaciones, cuando la gente se arriesgaba y buscaba nuevas tierras, se enfrentaba a monstruos, escorbuto y, sobre todo, nostalgia. En este momento, Portugal no podía mantener el comercio con las Indias, por lo que buscó nuevos horizontes. Los españoles llegaron a Centroamérica y nuestro querido Brasil fue “descubierto” por amigos portugueses, pero como cualquier dato nuevo, no podía pasar desapercibido, por lo que era muy importante

reportar todo esto en “cuadernos de bitácora”, o incluso escribir cartas Homéricas. .

PALABRAS CLAVE: Historia, Brasil.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E LITERÁRIA

A carta de Pero Vaz de Caminha foi escrita no período das Grandes Navegações, em que pessoas se arriscavam e buscavam novas terras, enfrentavam monstros, escorbuto e principalmente a saudade de seus lares. Nesta época Portugal não conseguia manter o comércio com as Índias, por isso buscou novos horizontes. Os espanhóis chegaram até à América Central e nosso querido Brasil foi “descoberto” pelos amigos lusitanos, mas como qualquer novo fato, não poderia passar em branco por isso era muito importante relatar tudo isso em “diários de bordo”, ou até mesmo escrever cartas homéricas.

No século XVI, diversos viajantes europeus estiveram no Brasil e registraram suas impressões. Esses viajantes do período foram portugueses e religiosos (Pero Vaz de Caminha, Pero Lopes de Souza, Gabriel Soares de Sousa, Pero de Magalhães. Gândavo, Ambrósio Fernandes Brandão, Fernão Cardiro, Simão de Vasconcelos, Antônio Vieira, João Antônio Andreoni (Antonil) etc.) enviados com a incumbência de catequizar os índios. Destacaram-se os padres jesuítas Manuel da

Nóbrega e José de Anchieta, cujas obras são de capital importância para o desenvolvimento da vida colonial, assim como os viajantes alemães (Hans Staden) e franceses (Jean de Léry / André Thevet / Claude d'Abbeville). Os escritos produzidos no século XVI – depoimentos e relatos de viagem, informes em torno de condições da Colônia, descrições da natureza, descrições de povos nativos, roteiros náuticos, relatos de naufrágios, autos para a catequese dos indígenas – concebidos sob a forma de cartas, tratados, crônicas e diários – até epopeias com assunto local serviram como fonte. Inclusive muitas telas foram inspiradoras para esse projeto, como por exemplo a Primeira Missa, a qual foi usada como paradigma para a análise dos documentos da época.

Alfredo Bosi (1994, p.14) afirma:

O que para nossa história significou uma autêntica certidão de nascimento, a carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, dando notícia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem preguiças) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam à primeira leitura da Carta e dão sua medida como documento histórico. Descrevendo os índios: “A feição deles é serem pardos maneiras d’avermelhados de bons rostos e bons narizes bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostra o rosto.”

Os textos de informação visam passar conteúdos sobre um lugar, pessoas ou até mesmo situações. A carta de Pero Vaz de Caminha tem como objetivos nos passar uma visão histórica e literária a respeito da descoberta de um novo país. A mesma além de nos mostrar a visão maravilhada de um estrangeiro vendo um paraíso terrestre pela primeira vez, nos apresenta uma linguagem que há muito não é usada pelos nossos irmãos portugueses. Para Bosi (1994, p.13)

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto a informação, não pertencem à categoria do literário, mas à pura crônica histórica e, por isso, há quem os omita por escrúpulo estético (José Veríssimo, por exemplo, na sua História da Literatura Brasileira). No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem nos legaram nossos primeiros observadores.

O modelo de texto utilizado na carta de Pero Vaz de Caminha é algo que existe desde a Grécia antiga, como podemos observar neste texto:

Gênero que remonta a Heródoto, e que fez estação definitiva em Marco Pólo, a narrativa de viagem é substrato nada ingênuo, que se presta para propósitos muito bem definidos. A carta de Caminha não foge à regra; pelo contrário, a comprova, e o faz de modo muito bem engendrado. Perspectiva bem convencional insere o documento de Caminha no gênero de literatura de catálogo e de *exaltação dos recursos da terra prometida* (COUTINHO, 1976, p. 79).

Por outro lado, na provocativa passagem de instigante pensador de nossa história cultural, a carta de Caminha protagoniza três finalidades muito claras: a) promove a filiação do Brasil à formação portuguesa; b) mantém a hegemonia da oligarquia lusa sobre minorias étnicas aqui encontradas, e para aqui posteriormente deslocadas; c) impõe visão do Brasil como uma utopia (KOTHE, 1997, p. 199). Concomitantemente engendra documento cartorial justificativo de posse (e de propriedade), nos exatos contornos da tradição romanística que se vivia no ocidente, potencializada pelos bartolistas, e no caso identificada pelo princípio do *uti possidetis*, centro do Tratado de Madrid, de 1750, documento que nos garantiu terras além da linha de Tordesilhas, obra de uso comum, de autoria de Alfredo Bosi, participa da formatação do cânone festivo, embora, reconheça-se, de forma um pouco mais discreta:

O que para a nossa história significou uma autêntica certidão de nascimento, a Carta de Caminha a D. Manuel, dando notícia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam à primeira leitura da Carta e dão sua medida como documento histórico (...) A conclusão é edificante (...) (BOSI, 2006, p. 14-15).

As cartas fazem parte dos registros históricos de uma sociedade e não poderia ser diferente ao tratar da produção de dois grandes escritores modernistas: Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, que trocaram cartas por cinquenta anos e dessa forma temos um panorama de um movimento literário que marcou a história de nosso país.

Bandeira considerava as cartas de grande valor artístico e intelectual, assim como é percebido nesse fragmento:

[...] para você arte é criação emotiva. Estou de acordo. Que é que eu procuro, lendo? Gozo da inteligência. Ora, quando eu leio um capítulo de física, procuro também gozo da inteligência e o consigo. Física não é arte. Logo, por você encontrar gozo da inteligência numa carta, não pode dizer que carta é arte. Poderá sê-lo quando houver "criação emotiva". Um capítulo de física pode gerar emoção, mas esta será de caráter científico. Há uma emoção específica própria da arte e ela deriva da criação ou recriação de vida. (22 de outubro de 1926)

Percebemos que as cartas são consideradas algo que transmite emoção, o sentimento de quem escreve com foco no destinatário, pensando na informação a ser levada ao mesmo.

De acordo com Haroche-Bouzinac (2016)¹ "a imagem que faz da carta um "espelho da alma" provém da mais antiga retórica. Presente na segunda epístola de Paulo aos Coríntios, foi amplamente usada na literatura patrística." Assim, quando nos expressamos através de missivas colocamos muito do que pensamos, sentimos e esperamos enquanto transmissores de informações.

¹ Haroche-Bouzinac, Geneviève. *Escritas Epistolares*/Geneviève Haroche-Bouzinac; tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016. (pag.143)

Essa foi uma das primeiras cartas trocadas durante vários anos, nas quais eles expunham suas experiências a respeito das suas escritas e se colocavam a respeito do que o outro fazia.

Como nesse trecho fazendo comentários sobre o livro *Libertinagem*:

“Libertinagem” está um mimo. Dá imediatamente a ideia que presidiu à sua imprimagem (não gosto de escrever impressão, porque é ambíguo): uma reprise tipográfica da “Cinza das Horas”. Você fez bem em não se suicidar, de preferir publicar o livro. Desta vez, a sua participação lírica na poesia moderna não aparece avizinhando com velhas cousas parnasianas, como sucedeu com o “Ritmo Dissoluto” nas “Poesias” [...].

Essa carta é de 29 de junho de 1930 e mostra o caráter crítico que Ribeiro Couto costumava dar às missivas destinadas à Manuel Bandeira. Há misto de admiração e busca por aumentar o seu repertório literário através da escrita de seu grande amigo e representante do Modernismo Brasileiro.

Em 1930 Ribeiro Couto estava escrevendo o romance ***A cabocla*** e busca se expressar a respeito do assunto, dessa forma Manuel Bandeira sugere ao amigo que ele leia romance inglês ***Contraponto de Aldous Huxley*** (1928):

Procure aí o romance inglês POINT COUNTER POINT de Aldous Huxley. É um volume de mais de 500 p. Admirável! Admirável! É nesse processo de contraponto que você tem que escrever os seus romances. Não seria imitação porque já é o processo que v. emprega nos seus melhores contos. Não sei se v. sabe que contraponto é o desenvolvimento de várias melodias sobrepostas. Nesse romance há vários temas como amor, morte, trabalho literário analisado pelo romancista em temperamentos e situações diversas. Os tipos são muitos, bem característicos e todos bem desenhados; tem uma realidade de conhecidos da gente, não se esquecem mais. (26.01.30)

Quando ele usa o advérbio aí para se referir ao fato de Ribeiro Couto estar em Paris como auxiliar de Consulado, assim há toda uma preocupação em tentar estimular o amigo para a pesquisa através de uma obra de renome.

Em dado momento Manuel Bandeira faz uma crítica um tanto ácida ao fato de Couto escrever sobre assunto tão exótico: uma personagem que não parecia tão interessante para o nobre colega, como percebemos nesse fragmento:

...Na minha última carta não dei impressões da Cabocla. Ainda não é o grande romance. Uma novela, extenso conto. Técnica ótima. Quanto ao fundo, não é um pouco sentimental, patriótica, intencionalmente moralista aquela ideia da nossa cabocla? Não era assim que v. sentia em Campos do Jordão e Pouso Alto. Lembro-me ainda do que v. dizia a respeito da mulher do Negrão. Lembro-me também de uma cabocla que havia aqui ao Curvelo. Mostrei-lhe um dia a v. me confessou que tinha horror até físico ao tipo caboclo. Por isso fiquei surpreendido com a reviravolta.

Há também um pequeno comentário sobre a escolha do gênero e uma crítica construtiva sobre a técnica.

Nas missivas percebemos uma troca de sugestões e muitos interesses comuns, como nos dois casos acima em que ambos buscam auxiliar um ao outro no que se refere à escrita literária, na qual os dois estão inseridos.

Segundo A.J. Greimas (2^a1988) “Toda correspondência oferece-se a quem quiser analisá-la como uma encruzilhada de problemas linguísticos, históricos, ideológicos.”

Dessa forma, as cartas de Couto e Bandeira tem como característica a questão ideológica de cada escritor. As correspondências de ambos esbarram em críticas apimentadas, conselhos fraternos, digamos um misto de entendimentos e desavenças, lembram muito as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, em que percebemos a inquietude que gerava as críticas de Couto às obras de Andrade, talvez um duelo de egos como no texto abaixo:

“Não tem sujeito que consegue me irritar mais Couto desespera... É o pior crítico do mundo quando critica alguém na verdade se observa a si mesmo. Diz que gosta de Paulicéia, mas o gosto que tem por Paulicéia me irrita. Não compreendeu absolutamente o meu livro. O que o comove lá dentro são uns detalhes ocasionais, umas notinhas rápidas, umas pequeninas de cor local de observação de psicologia pequeninha, rolas da Normal, garoa, ora sebo! Nunca neguei o valor dessas coisas de vida cotidiana você sabe bem disso, uma menina da Escola Normal é uma coisa tão enorme! Tão enorme, não, é uma coisa tão comovente, nem isso, é uma coisa que também pode ser objeto de lirismo e estupendo mas fazer disso a única possibilidade de lirismo me parece duma curteza de sensibilidade enorme. O Couto é assim. É a sensibilidade mais curta que eu conheço... É um pândego delicioso, a delícia da pimenta que arde, é ruim mas a gente continua comendo pimenta. Isso: o Ribeiro Couto me parece mais especiaria do que um alimento, que você me diz dessa observação?”³

Independentemente de qualquer crítica, as correspondências têm um caráter extremamente fecundo para a literatura brasileira e para os estudos epistolares, não devemos esquecer que estamos nos referindo a dois grandes estudiosos e que essa troca de experiências sejam elas pessoais ou literárias trouxeram consequências positivas para discussões posteriores.

De acordo com Haroche-Bouzinac⁴ (2016) para uma correspondência realmente durar é necessário um interlocutor à altura, temos nesse caso “ uma aliança de duas qualidades”, onde temos um “destinatário forte e amigo” .Podemos então afirmar que ambos se colocam no mesmo patamar de importância e como é afirmado“ sua opinião jamais é temida ”. Isso é válido porque percebemos uma preocupação cada vez maior de criação e de busca em superar o outro e a si mesmo.

O movimento modernista foi muito importante para as produções desses dois

2 A.J.Greimas, “ Introduction ” à La Lettre.Approches Sémiotiques, Actes du vi.Colloque Interdisciplinaire, em Collaboration avec l'Association Suisse de Sémiotique, Friburgo,Éditions Universitaires, 1988.

3 Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 31 de maio de 1925. In: Correspondência.

Mário de Andrade & Manuel Bandeira, op.cit., p. 212. Ou ainda, nessa carta de 3 de maio de 1926

4 Haroche-Bouzinac, Geneviève.Escritas Epistolares/Geneviève Haroche-Bouzinac; tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016.(121)

escritores e o imediatismo proveniente desse período foi bem interessante para que surgissem cada vez mais inovações que antes eram impensáveis, tendo sempre na memória que a Semana de Arte Moderna causou um impacto que rendeu frutos durante vários anos, refletindo em nossas posições atuais sobre o que é cultura, literatura e brasilidade.

Dessa forma, podemos concluir que desde da carta de Pero Vaz de Caminha até as missivas trocadas por Manuel Bandeira e Ribeiro Couto há um panorama histórico e literário de duas épocas, Pero Vaz cria uma espécie de carta propaganda de uma nova terra, por outro lado os dois grandes escritores modernistas primam pelas questões de nossa terra refletidas em suas obras como uma maneira declarar ao mundo por meio de suas produções toda uma ideologia própria do Movimento Modernista.

REFERÊNCIAS

A.J.Greimas, “ **Introduction**” à **La Lettre.Approuches Sémiotiques, Actes du vi.Colloque Interdisciplinaire**, em Collaboration avec l’Association Suisse de Sémiotique, Friburgo,Éditions Universitaires, 1988.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994

Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 31 de maio de 1925. In: **Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira**, op.cit., p. 212. Ou ainda, nessa carta de 3 de maio de 1926> Acesso em 07 de janeiro de 2018

Casagrande, Rosângela Fonseca. **Análise da Correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto**. [ile:///C:/Users/Juliana%20Lapera/Desktop/PUC-%20CARTAS.pdf](file:///C:/Users/Juliana%20Lapera/Desktop/PUC-%20CARTAS.pdf)> Acesso em 07 de janeiro de 2018

CASTRO, S. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2010

COUTINHO, Afrânio. À luz de uma teoria estética da história da **literatura**.2009. <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero41/coutinho.html>

Haroche-Bouzinac, Geneviève.**Escritas Epistolares/Geneviève Haroche-Bouzinac**; tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2016

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

D

Decolonialidade 75, 77, 78

E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

T

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

V

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

LETRAS, política & sociedade



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

LETRAS, política & sociedade

